

ENSAIO CARTOGRÁFICO SOBRE A INFÂNCIA: O DESAFIO DA PESQUISA COM CRIANÇAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

CARTOGRAPHIC TESTING ABOUT CHILDHOOD: THE CHALLENGE OF RESEARCH WITH CHILDREN IN THE PARAENSE AMAZON

Laura Maria Silva Araújo Alves 1

Resumo: A região Norte pelos espaços geográficos e as diversidades culturais têm sido um grande desafio para os pesquisadores da Educação que se dedicam aos estudos das infâncias em variadas condições sociais, históricas, políticas e culturais. Além das decisões metodológicas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador enfrenta outros desafios. Um deles é de desenvolver sistematicamente a pesquisa em contextos que exigem do pesquisador o compromisso ético de tempo e dedicação no ambiente de campo, no sentido de dar visibilidade as crianças e o caráter científico ao estudo. O presente artigo discute a partir da perspectiva da Sociologia da Infância as diversas possibilidades metodológicas e éticas desenvolvidas nas pesquisas com crianças sobre saberes, vivências cotidianas e culturas de inúmeras infâncias na Amazônia paraense, em espaços urbanos, de assentamentos, de florestas, de ilhas, de vilas, de comunidades indígenas e quilombolas, de zonas rurais e de fazendas, enfim, de uma grande polifonia de infâncias.

Palavras-chave: Pesquisa. Criança. Infância. Amazônia Paraense. Educação.

Abstract: The Pará state, due to large geographic dimension and cultural diversity, has presented itself as a big challenge for education researchers who dedicate themselves to the study of children in different social, historical, political and cultural conditions in the Amazon region. In addition to methodological decisions during the development of the research, the researcher faces others challenges. One is to systematically develop research in contexts that demand from the researcher the ethical commitment of time and dedication in the field area, in order to give visibility to children and the scientific character of the study. This article exposes the perspective of the Sociology of Childhood and many methodological and ethical possibilities developed in research with children on knowledge, everyday experiences and cultures of countless childhoods in the Paraense Amazon in urban areas, settlements, forests, islands, villages, indigenous and quilombola communities, rural areas and farms, finally, lots polyphony of childhoods.

Keywords: Research. Child. Childhood. Paraense Amazon. Education.

Introdução

Estudos da criança e pesquisa com crianças sempre foi um grande desafio para os pesquisadores da educação da região amazônica, sobretudo, quanto aos protocolos metodológicos e éticos da pesquisa. Há recorrentemente muitas questões que rondam as decisões dos pesquisadores na realização da pesquisa com crianças em contextos culturais e geográficos diferentes na Amazônia paraense: Que protocolos seguir nas pesquisas com crianças? Seguir um protocolo ético universal ou um protocolo ético adaptado às realidades das crianças? Que matriz metodológica mais adequada deve ser usada com crianças da região amazônica? Qual o tempo destinado para desenvolver a pesquisa com crianças? Quais os protocolos éticos para realização da entrevista com crianças? Que cuidado o pesquisador deve ter na elaboração da entrevista com crianças? Enfim, são muitas as dúvidas enfrentadas pelos pesquisadores no itinerário da sua pesquisa com crianças. Em geral, a angústia dos pesquisadores se concentra em duas direções: a primeira em optar por metodologia e protocolo ético tradicionais, que já estão consolidadas pela literatura nacional e internacional, porém, tal opção restringe todo o trabalho do pesquisador em razão da incompatibilidade de normas e regras que estão totalmente fora da realidade das crianças amazônicas; a segunda em optar por metodologia mais criativa e adequada às realidades das crianças, no entanto, tal decisão é arriscada em razão das incertezas e dos possíveis desvios de rotas que o pesquisador poderá sofrer no decorrer da investigação.

Os pesquisadores sabem que os protocolos metodológicos e códigos éticos são importantes, mas não são suficientes para abarcar todas as complexidades com que o pesquisador se confronta no contexto diário de investigação com crianças. Há ainda outra discussão no campo da pesquisa com crianças na Amazônia que são as críticas quanto à possibilidade dos pesquisadores ficarem engessados em normas, regras e princípios utilizados nas pesquisas nacionais e internacionais com crianças, pois poderão não atender às demandas de suas investigações adequadamente, principalmente, em realidades culturais, sociais, educacionais e geopolíticas bastante específicas com a das crianças da Amazônia paraense.

O nível regulatório dos protocolos de pesquisas com populações infantis parece ser um grande desafio aos que realizam estudos e pesquisas com crianças no território tão diversificado culturalmente e com uma geografia complexa como da Amazônia paraense. Concordamos com Corsaro (2011, p. 59) de que “[...] as pesquisas com crianças devem ser interpretadas com prudência, dadas as exigências espaciais enfrentadas pelos pesquisadores na utilização dos métodos”.

É evidente que há alguns riscos nesse gradual processo da pesquisa que causam incertezas aos pesquisadores antes de irem a campo. Parte dessas incertezas está relacionada principalmente ao contexto adverso e aos protocolos de contato com as crianças, ao tempo de permanência do pesquisador na comunidade, da flexibilidade das técnicas de coleta de dados, da logística da pesquisa de campo, dos procedimentos de descrição, tabulação e análise dos dados, além de procedimentos metodológicos e éticos mais adequados para obtenção dos dados com os principais protagonistas das pesquisas: as crianças.

Outro risco não menos importante que temos chamado muito atenção dos nossos pesquisadores está relacionado à devolutiva da pesquisa às crianças e suas comunidades, uma vez que elas se envolvem visceralmente com a pesquisa e acabam geralmente criando um vínculo afetivo com o pesquisador. No mais, parece-nos razoável que o pesquisador nesse momento de devolutiva dos resultados da pesquisa possa construir com as crianças uma forma de ultrapassar o velho mito acerca da imaturidade delas de que não são capazes de compreender suas realidades e superar suas condições de sujeitos assujeitados e encarcerados em um micromundo de desigualdades com as que estão milhares de crianças da região amazônica.

A partir dessas provocações, o presente ensaio cartográfico apresenta as diversas possibilidades metodológicas e éticas desenvolvidas nas pesquisas com crianças na perspectiva da Sociologia da Infância, relacionadas aos saberes, vivências, cotidianos e culturas de inúmeras infâncias na Amazônia paraense em espaços urbanos, de assentamentos, de florestas, de ilhas, de vilas, de comunidades indígenas e quilombolas, de zonas rurais, de fazendas, de rodovias, de garimpos, enfim, de uma grande polifonia de infâncias na imensidão da região Norte do Brasil.

Sendo assim, abordaremos neste ensaio cartográfico alguns caminhos da pesquisa com crianças na Amazônia paraense, destacando inicialmente uma discussão sobre a perspectiva da Sociologia da Infância muito utilizada nos últimos anos pelos educadores nas pesquisas com crianças na região amazônica; em seguida apresentamos alguns desafios metodológicos e éticos nas pesquisas com crianças na Amazônia entre eles: (1) os espaços e os tópicos temáticos da pesquisa; (2) o tempo e o investimento na pesquisa de campo; (3) o comportamento de empatia entre a criança e o pesquisador; (4) o contexto e os procedimentos da entrevista; (5) a habilidade do pesquisador no uso da entrevista; (6) os protocolos éticos utilizados na entrevista e, por fim, (7) a cultura material da infância.

Caminhos teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância nas pesquisas com crianças na Amazônia paraense

A investigação sobre aspectos da infância na área da Educação foi influenciada por uma linha de investigação “adultocêntrica”, tendo como referência e respaldo a voz do adulto para a obtenção de informações a respeito de práticas culturais, saberes e de experiências diárias da criança. Acreditava-se que as crianças não tinham capacidades cognitivas, emocionais e sociais para processar e responder a questões acerca de comportamentos, percepções, opiniões, conceitos, culturas, crenças, saberes, vivências, realidades, etc.

A tradição científico-acadêmica, consolidada no século XX, que toma a criança como *objeto* de estudo, a partir da Medicina e da Psicologia, sobretudo, resultou na legitimação de saberes da infância arquitetado em uma perspectiva de isolamento da criança, em uma hegemonização da infância, considerando-a ora como mero *objeto* de estudo, ora como foco das intervenções socioeducativas baseadas nos padrões estabelecidos pela ciência. Cabia aos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, a interpretação dessa criança e sua infância, porém, o sujeito-criança era silenciado, pois a sua voz não era legitimada nas pesquisas.

Apenas recentemente os pesquisadores da infância reconheceram que entre as várias competências da criança está a possibilidade de perceber aspectos da sua realidade, de discriminar seus sentimentos e de dar a sua opinião sobre temas que lhe afetam e de expressá-los naturalmente. Uma contradição, pois, seguramente, a criança é o melhor sujeito para falar a respeito de si e da infância. O protagonismo da criança na pesquisa foi sendo aos poucos legitimado. Contudo, na última década do século passado foi possível perceber que a criança precisava dar o seu testemunho e o pesquisador deveria conceder credibilidade aos relatos e narrativas produzidas por elas.

A partir da década de 90 do século passado, os estudos sobre a infância alcançaram o interesse nos campos da Sociologia, e já no final desta década, aponta-se a possibilidade de mais um campo fértil de estudos sobre a criança – a Sociologia da Infância¹. Todavia, concordamos com Faria e Finco (2011) quando expressam que a introdução da pesquisa sociológica com crianças no Brasil aconteceu com Florestan Fernandes no estudo sobre as “Troncinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis”²,

1 Nesse campo, Sarmiento e Pinto (1997), estudiosos do Instituto de Estudos da Criança na Universidade do Minho (Portugal), passam a defender a voz da criança imprescindível para os estudos da infância. Portanto, valorizar essas vozes é dar credibilidade à criança. É perceber a importância de estudar esses sujeitos nas suas dinâmicas de relações sociais, nas suas articulações com o mundo sociocultural. A expectativa dos estudiosos da infância numa perspectiva sociológica é desnaturalizar a ausência das vozes infantis nas pesquisas em Educação. É nos anos 80 e 90 do século XX que um novo paradigma sociológico sobre a infância se começa a estruturar. A Sociologia da Infância é um campo de estudo que se propõe a construir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a uma perspectiva maturacional de desenvolvimento, e que interpretam as crianças como sujeitos que se desenvolvem independentemente da construção social, das suas condições de existência.

2 Florestan Fernandes Florestan foi sociólogo e pesquisador. Nos anos 40, quando então aluno da Faculdade de Ciências, Filosofia e Letras da USP, desenvolveu um trabalho encomendado pelo professor Roger Bastide, denominado “Troncinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo Folclórico e Sociológico da Cultura e dos Grupos Infantis”. O referido trabalho monográfico, publicado em 1944, se constitui como o mais importante para o autor

realizado por volta da década de 1944, mas somente publicado em 1947.

A pesquisa realizada por Florestan consistiu em uma etnografia pioneira e primorosa realizada com um grupo de crianças de rua, residentes em bairros operários da cidade de São Paulo, sobre suas brincadeiras denominadas, segundo o autor, pelas próprias crianças de “trocinhas”. Essas se referiam a organizações de grupos de crianças, geralmente reunidas pela condição de vizinhança, que se encontravam na rua para brincar. Assim, no estudo junto a esses grupos infantis, em suas “trocinhas”, Florestan observou as relações das crianças entre seus pares, como se organizaram, construíam regras e práticas de sociabilidades, como também analisou as brincadeiras pertencentes ao folclore infantil da época. Tal investigação foi um registro inédito à época que demonstra um protagonismo de meninos e meninas no qual Florestan deu voz a eles e observou minuciosamente por longo tempo aspectos do comportamento do grupo, percebendo o desenvolvimento de suas personalidades, obediências a determinadas regras e interações de amizades.

A outra obra que destacamos como relacionada à perspectiva da Sociologia da Infância, no Brasil, é o livro “O massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil”, organizado por José de Souza Martins³, publicado 1990. Há nesse livro uma coletânea de artigos em que os cientistas sociais (sociólogos e antropólogos) deram voz às crianças excluídas da sociedade brasileira. O livro destaca as crianças sem infância que dão seu testemunho vivo do abandono e da violência sofridas no campo. Nessa obra a fala das diversas crianças é um instrumento não somente de direito, mas de proclamação, negação, silêncio, submissão, complacência, desigualdade e, principalmente, descaso com a infância na luta pela terra e na mobilização dos movimentos sociais.

No Brasil, o movimento da Sociologia da Infância iniciou-se muito lentamente, visto que até antes dos anos 90 do século XX era difícil encontrar pesquisas nas áreas das Ciências Humanas focadas na *escuta da criança*. Havia uma visão muito reducionista e conservadora em salvaguardar a criança pela sua fragilidade de produzir interpretações verdadeiras da sua realidade. Elas ficavam visivelmente reféns de pesquisadores tradicionais que com o discurso de proteger a criança subjugavam às capacidades emocionais e cognitivas delas. As rupturas foram acontecendo aos poucos, com certa cautela, a criança passou então a ser um ator social, sujeito de direitos, na qual é reconhecida não somente a sua competência, mas, sobretudo, a sua capacidade de envolvimento e participação na pesquisa como protagonista.

Concordamos com Sarmiento (2008, p.23-24) que os aspectos-chave do paradigma de investigação sociológica da infância estão ancorados em alguns princípios básicos: (1) conceber a infância como construção social, ou seja, a infância, sendo distinta da imaturidade biológica; (2) a infância como uma variável da análise social, ou seja, ela não pode ser divorciada de outras variáveis como a classe social, o gênero ou a pertença étnica; (3) as relações sociais estabelecidas pelas crianças e as suas culturas devem ser consideradas; (4) as crianças não são sujeitos passivos de estruturas e processos sociais; (5) os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância; (6) a sociologia da infância envolve-se no processo de reconstrução da infância na sociedade.

A consolidação desse paradigma apresentado por Sarmiento (2008) reforçou a legitimação da Sociologia da Infância que “[...] tomou a criança em sua infância como lugar de suas pesquisas, criou-se um campo, no qual os sociólogos e outros pesquisadores que aderiram a essa vertente fizessem um esforço para compreender a criança” (FARIA & FINCO, 2011, p. 25). Ademais, a infância “[...] é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particularidades culturais, históricas, econômicas, sociais e políticas; uma categoria sujeita a

que realizara sobre o folclore e as culturas infantis no bairro Bom Retiro em São Paulo. Os estudiosos da infância reconhecem o ineditismo desta obra de Florestan Fernandes, por duas razões: uma é pela abordagem das culturas infantis. E a outra, por tomar as crianças como principais sujeitos da pesquisa.

3 José de Souza Martins, Professor Titular aposentado do Departamento de Sociologia e Professor Emérito (2008) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Nasceu em 1938, em São Caetano do Sul em São Paulo é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1964. É mestre e doutor em Sociologia. Foi professor visitante da Universidade da Florida no E.U.A. Foi também eleito professor titular da Cátedra “Simón Bolívar” da Universidade de Cambridge na Inglaterra.

modificar-se ao longo do tempo” (REIS, 2015, p.179).

Ao refletirmos sobre a Sociologia da Infância na realidade do território amazônico, reforça a compreensão da criança como objeto de investigação sociológico por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento não apenas da infância, mas principalmente da criança como uma categoria social, possibilitando a construção de um novo olhar e de uma nova postura em direção à criança que é testemunho da sua infância⁴.

A criança da Amazônia está imersa numa matriz sócio-histórica que compreende o sujeito-criança constituído em uma rede de significações, prenhe de significados, isto é, construído e imbricado em seu meio social e cultural. Inquestionavelmente, a Sociologia da Infância contribuiu para uma ruptura com conceitos fechados e ideias estereotipadas sobre a infância na Amazônia, que não valorizavam as suas especificidades socioculturais, pois, como já mencionamos, historicamente, os estudos sobre a infância consideraram por muito tempo a criança como “objeto” a ser analisado.

A criança não tinha voz e protagonismo nas pesquisas, pois era recorrentemente silenciada pelos pesquisadores, melhor dizendo, as crianças eram sujeitos excluídos das pesquisas científicas e por isso pouco se valorizava questões da infância. Embora com os avanços teóricos, a consideração da criança como sujeito histórico, social e produtora de cultura não eram suficientes para que ela tivesse o seu devido respeito como testemunho de sua realidade. Essa ruptura de paradigma teórico e hegemônico foi inovadora e fundamental para que na Amazônia os pesquisadores da Educação pudessem desvendar as diversas infâncias.

Temos constatado ao longo das últimas décadas que na Amazônia paraense tem-se desenvolvido significativas pesquisas na área da Educação sobre saberes, cotidianos e culturas, em que há o testemunho da criança com um dado confiável e fidedigno. Nessas pesquisas, na sua maioria, mapeiam-se as condições sociais, histórias, educativas e culturais das crianças, colocando-as no centro da discussão, abordando, em certos casos, as duras e perversas formas de infância.

Desafios metodológicos e éticos nas pesquisas com crianças na Amazônia

Na realização da pesquisa com crianças na Amazônia paraense há inicialmente uma grande preocupação dos pesquisadores com as estratégias metodológicas adotadas. Eles têm optado por técnicas e instrumentos não convencionais em razão das culturas e vivências cotidianas das crianças. Dar significado e sentido às práticas culturais infantis na região amazônica requer do pesquisador adaptar conservadoras técnicas, modelos rígidos e padronizados com a realidade desses sujeitos.

A flexibilidade metodológica é o caminho utilizado pelo pesquisador no desenvolvimento da pesquisa de campo com o envolvimento e participação da criança. Contudo, é necessário um planejamento e organização prévios da pesquisa de campo com o objetivo de evitar o imprevisto e a produção de dados que não são fidedignos. Por isso, algumas adaptações ao planejamento inicial são feitas durante a execução da pesquisa de campo na intensão do pesquisador adequar-se aos espaços de vivências e de saberes culturais da criança, que são os mais heterogêneos, pois há um contexto espacial que geralmente é desconhecido para o pesquisador.

Ao longo dos anos de dedicação na realização de pesquisas com crianças na Amazônia paraense temos utilizados protocolos metodológicos e éticos adaptados às realidades das

4 A sociologia da infância propõe a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objeto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada (SARMENTO, 2005, p. 363).

crianças. No âmbito de processo de escuta da criança e na vontade de desvendar aspectos relacionados com a sua vida cotidiana, elaboramos um protocolo de princípios que poderá nortear os pesquisadores interessados em investir na pesquisa com crianças na Amazônia paraense. Vale registrar, no entanto, que tais princípios são alicerçados em situações concretas que visam ajudar os pesquisadores a encontrarem um caminho mais adequado para o seu estudo e pesquisa com crianças.

Os espaços e os tópicos temáticos de pesquisa

As pesquisas com crianças na Amazônia paraense estão sendo desenvolvidas em diversos espaços e com múltiplas temáticas. Do levantamento que realizamos no período de 2008 a 2019 de pesquisadores da região amazônica⁵ que desenvolveram investigações com crianças está um significativo conjunto de mulheres pesquisadoras em educação como: Charone (2008), Souza (2009), Moraes (2010), Nascimento (2014), Nascimento (2015), Weber (2015), Silva (2017), Fernandes (2018), Peres (2018), Andrade (2019). Essas pesquisadoras empreenderam suas pesquisas em diferentes espaços: comunidades ribeirinhas, quilombolas, assentamentos, comunidades indígenas, casas de farinha, festas religiosas, vilas, abrigos, escolas, hospitais, igrejas, etc.

Entre os tópicos temáticos mais desenvolvidos nessas pesquisas identificamos um universo amplo que versa sobre cultura material infantil, cotidiano e infância, saberes e infância, infância e criança ribeirinha, docência e infância, letramento e infância, processos educativos e infância, religiosidade e infância, recreio e infância, família e infância, infância e escola, infância e trabalho infantil, infância e afetividade, entre outras. Entretanto, o tópico temático mais recorrente é sobre a cultura, o tempo, o espaço e a vivência da brincadeira.

Das pesquisas levantadas sobre infância, inicialmente, destacamos o trabalho de Peres (2018) e Andrade (2019) que foram realizadas com crianças na Ilha do Marajó, no Pará. Ambas as pesquisas procuraram investigar as culturas, os saberes e as vivências cotidianos das crianças marajoaras em duas mesorregiões: uma na Vila do Piriá, no município de Currálinho, em uma comunidade ribeirinha com 25 crianças; já a outra na Vila Mangueira, no município de Salvaterra, em uma comunidade de remanescentes de quilombo, com 15 crianças.

As referidas pesquisas destacam que as crianças das águas, como são denominadas pelas pesquisadoras, apresentam um cotidiano cultural em espaços e tempos relacionados com os fenômenos da natureza. Elas vivenciam um cotidiano de contato com a descida das marés, com a plantação do açaí, com a imensidão das matas, com as vazantes e enchentes de rios e igarapés, com o trabalho na roça e na casa de farinha, com o aprendizado na escola, com os banhos e brincadeiras nos rios, enfim, com uma imensa cartografia de comportamentos e culturas.

As pesquisas são, predominantemente, de cunho etnográfico com metodologias que dão voz à criança, evidenciando o protagonismo infantil. Entre os procedimentos metodológicos mais utilizados estão a observação participante com a intenção de realizar o levantamento dos artefatos na cultura material da infância. As histórias de vida, bem como a adaptação de instrumentos tradicionais de coleta de dados, como, por exemplo, os questionários, às linguagens e iconografias das crianças também se integram entre os métodos e técnicas utilizados pelos pesquisadores da Amazônia paraense. Todavia, as técnicas mais amplamente escolhidas pelos pesquisadores têm sido entrevistas, observações e registros narrativos das crianças.

Na mesma direção de investigação, tanto Andrade (2019) como Peres (2018) trazem os saberes e as vivências lúdicas da infância na Ilha do Marajó, no Pará. Ambas as autoras desvelam o cotidiano, os saberes e as brincadeiras de crianças, o que é extremamente importante para ampliação de estudos sobre as crianças marajoaras, suas realidades, concepções, interesses e, principalmente, as formas culturais do brincar. As crianças que participaram das duas pesquisas são comumente silenciadas, ignoradas e esquecidas pelo poder público municipal

⁵ Esse levantamento foi realizado nos Programas de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Pará e na Universidade do Estado do Pará, com base nas teses e dissertações sobre infância, especificamente, na perspectiva da Sociologia da Infância, no período de 2008 a 2019.

e estadual. Isso é evidenciado nos estudos de Andrade (2019) e Peres (2018), que entrelaçam aspectos políticos, econômicos e culturais na constituição das crianças marajoaras, demonstrando as enormes disparidades nas vivências, cotidianos e saberes delas com outros grupos infantis no Brasil.

As vozes das crianças e de suas expressividades lúdicas proporcionaram as autoras possibilidades de compreender as especificidades da infância marajoara, dando visibilidade e protagonismo as crianças, pois elas são vivas e carregam os saberes instituídos ao longo da história das suas comunidades. Peres (2018) desvela os saberes ancestrais que constituem as crianças da Vila de Mangueira ao narrarem seus conhecimentos da terra e dos saberes das plantas medicinais da região. As crianças falam com muita propriedade sobre o uso medicinal da erva cidreira, da folha de boldo, da erva doce e do capim santo como ervas para combater dores de cabeça e de cólicas intestinais. Todo esse saber revela, de um lado, a preservação do conhecimento da medicina popular da região; e de outro, a preservação dos saberes de seus ancestrais. Já Andrade (2019) descortina a capacidade lúdica das crianças na Vila de Piriá, destacando os saberes e tradições religiosas que são importantes na constituição do cotidiano da criança com seus familiares. Há uma tradição parental recorrente das crianças tomarem benção dos mais velhos, pois é “[...] um modelo que foi passado às gerações seguintes, e que para os ribeirinhos é um ato de respeito, obediência e temor aos mais velhos” (ANDRADE, 2019, p. 180).

A pesquisa com crianças em comunidades isoladas na Amazônia paraense tem tido um exponencial desenvolvimento na última década, inclusive em comunidades indígenas. Weber (2015) investigou como os saberes e as práticas culturais se apresentam nas brincadeiras e brinquedos de 19 crianças indígenas da comunidade Assuriní do Trocará que vivem às margens do Rio Tocantins, no município de Tucuruí no Pará, com idades entre 8 e 12 anos. Por meio de observações, cirandas de conversa e registros fotográficos, a autora desvela às relações culturais, sociais, ambientais e pessoais das crianças.

Segundo Weber (2015), a essência de ser criança Assuriní é ser livre, gozar de plena liberdade e ter autonomia para vivenciar sua infância de forma lúdica. Além disso, a autora identifica que as crianças Assuriní manifestam suas brincadeiras utilizando carrinhos, bolas, bonecas, motinhas, pipas, os quais são brinquedos produzidos por elas, com a utilização de argila e da folha de inajá, que são materiais predominantemente da cultura material infantil dessa comunidade. A autora identifica, também, que há um entrelaçamento do brincar com os espaços de rios e de matas, pois esses são “[...] lugares onde as crianças nadam, pulam, sobem e descem das árvores e se jogam nos igarapés sem medo, como pássaros em plena liberdade” (WEBER, 2015, p.108).

No momento do brincar, as crianças Assuriní manifestam comportamentos de alegria, sentimento de liberdade e saberes indispensável à vida na aldeia, especialmente, na preservação da sua ancestralidade. É a partir da ludicidade que as crianças Assuriní interpretam significados da sua cultura, ou seja, adentram no aprendizado “[...] de um mundo de ritos, de simbolismo, de representações, de relatos, de histórias e nelas se encontram como parte da sociedade e da etnia” (WEBER, 2015, p. 109).

O estudo realizado por Silva (2017) com 16 crianças na faixa etária de 06 a 12 anos, no município de Tracuateua no Pará, revela os saberes e os processos educativos vivenciados pelas crianças durante a Festa da Marujada que é uma manifestação de cunho religioso que se caracteriza como um ritual afro-brasileiro em comemoração as irmandades de São Benedito e São Sebastião. O ritual se caracteriza como uma dança formada por homens e mulheres, chamados marujos (capitão) e marujas (capitosa) que dançam e em louvor aos santos. Nesta pesquisa a autora constatou que as crianças têm uma participação significativa na festividade da marujada por meio dos rituais tradicionais envolvendo saberes das danças e das músicas. Portanto, elas incorporam os saberes religiosos, estéticos, culturais e lúdico que constituem a formação da comunidade de Tracuateua no Pará na expressividade dessa cultura secular.

Já Nascimento (2014) desvela saberes e vivências lúdicas de 10 crianças da comunidade de quilombo Campo Verde no Pará, no município de Concórdia do Pará. Nesta pesquisa a autora destaca a capacidade de criação e imaginação das crianças na produção artesanal de seus

brinquedos e na elaboração de suas brincadeiras em espaços como: terreiros, quintais, ramais, matas e rios, durante o dia, e dentro de casa, em frente as casas e nos pátios, durante a noite.

Por fim, destacamos a pesquisas de Fernandes (2018) que analisou as práticas de letramento no cotidiano de 04 crianças, na faixa etária de 8 a 10 anos, na Ilha de Caratateua, no Estado Pará. Os resultados apresentados mostram que as crianças são agentes culturais ativos que vivenciam práticas culturais de letramento em várias situações de seu cotidiano. A autora mapeou os eventos de letramento das crianças nos domínios do lazer, nos atos religiosos, no cotidiano escolar e em outras atividades diárias. Identificando, assim, práticas de letramento escolares, religiosos, digitais e de lazer, em diferentes esferas como na família, na comunicação interpessoal e nas atividades de organização da vida diária (listas de compras, pagamento de contas).

A busca da construção de um outro olhar e de uma nova postura em direção à criança, permitiu que os pesquisadores da Amazônia paraense dessem protagonismo a ela, oportunizando o testemunho infantil a respeito da realidade, revelando um itinerário investigativo no qual a criança demonstrou sua capacidade de dar opiniões e de dialogar sobre temas variados, além disso, de exercitar o direito de falar e de ser ouvida, melhor dizendo, as crianças puderam dar visibilidade as suas infâncias. E é nesse sentido que defendemos a inclusão da criança como ator social, como sujeito que vivencia, apreende e interpreta a realidade com competência e autonomia.

Tempo e investimento na pesquisa de campo

O primeiro aspecto de preocupação do pesquisador da região amazônica na pesquisa de campo diz respeito ao tempo de permanência com as crianças partícipes do estudo e o tempo adequado para o estabelecimento de uma rede de relação de confiança e credibilidade com as crianças. Defendemos a necessidade de uma relação de empatia entre pesquisador e criança. O estudo etnográfico⁶ exige do pesquisador na Amazônia paraense uma permanência longa e constante com as crianças para que o ele comece a coletar seus dados de forma fidedigna. É inevitável um “vai e vem” constante do pesquisador para desenvolvimento da sua pesquisa, entretanto, é necessário o pesquisador ter disponibilidade de tempo para permanecer na comunidade no sentido de construir uma relação de aproximação.

Aspectos protocolares parecem importantes para salvaguardar não somente a criança, mas também o pesquisador que se vê obrigado a percorrer longas viagens pelos rios e florestas e também o tempo alargado de permanência do pesquisador nas comunidades. Para chegarem até as crianças, os pesquisadores enfrentam além dos movimentos das marés e de chuvas constantes na região, demoradas viagens em pequenos barcos que duram horas em que o barqueiro rema contra a maré e o “zig-zag” entre os rios.

Em razão das distâncias das viagens, os pesquisadores preferem muitas vezes permanecer por semanas e até meses nas comunidades para se aproximar das crianças e construir seu “corpus” de dados. Andrade (2019, p. 75) ressalta que durante a sua pesquisa com crianças marajoaras, na Vila de Piriá, embora tivesse planejado algumas viagens quinzenais, teve que passar aproximadamente 5 meses junto à comunidade. Por esse motivo, Andrade (2019), Nascimento (2015), Nascimento (2014) e Silva (2017) optam por realizar uma pesquisa etnográfica que exige o envolvimento de trabalho de campo prolongado no qual o pesquisador realizará observações intensivas e diálogos com as crianças durante meses. A observação prolongada

⁶ É importante destacar também que ao utilizar a etnografia nas pesquisas com crianças na Amazônia paraense ele fornece um retorno contínuo aos protocolos iniciais durante a investigação de campo. Já que a pesquisa é *com* crianças em vez de *sobre* crianças, elas podem ter um protagonismo mais ativo, como por exemplo, assumirem uma participação como assistente de pesquisa como informantes, ajudantes das atividades de entrevistas, ou seja, elas assumirem um papel de “coprodutoras” dos dados, além de ajudantes nas interpretações e conclusões dos resultados. Contudo, ainda percebemos que as crianças nas pesquisas são recursos subestimados e raramente utilizados pelos pesquisadores da Amazônia paraense. Corsaro (2011, p. 63) afirma que a etnografia “[...] é um método eficaz para estudar crianças porque muitos recursos de suas interações e culturas são produzidos e compartilhados no presente e não podem ser obtidas facilmente por meio de entrevistas reflexivas ou questionários.

proporcionará ao pesquisador descobrir minuciosos aspectos do repertório cultural e social das crianças, sobretudo “[...] os membros de seu grupo, suas configurações físicas e institucionais, suas rotinas diárias, suas crenças e seus valores e a linguística e outros sistemas semióticos que medeiam essas atividades” (CORSARO, 2011, p. 63).

Outro aspecto relevante, mas pouco abordado quando se trata de pesquisa com crianças em comunidades isoladas na Amazônia paraense, refere-se ao investimento financeiro do pesquisador para enfrentar várias e extensas viagens que em geral duram muitas horas de travessias de rios, baías, furos e igarapés. Como testemunha das suas descobertas no registro de campo, os pesquisadores, muito semelhantemente aos viajantes aventureiros do século XIX que desbravaram a Amazônia em expedições longas, surpreendem-se com a vida da população dessas comunidades, sobretudo, da logística de locomoção das viagens, o que acaba exigindo do pesquisador disponibilidade de tempo e recursos para arcar com o alto custo financeiro da pesquisa. Além disso, a cada dia da execução da sua pesquisa de campo algo novo das crianças lhes é apresentado, causando ora surpresa, ora estranhamento quando relatam o encantamento das suas experiências e fundamentalmente o grande desafio de se embrenharem pelas realidades desconhecidas das crianças. Tal encantamento de certa maneira diminui as tensões e o poder do pesquisador e de atenuar as distâncias entre ele e as crianças.

Há recorrentemente relatos dos pesquisadores quanto à estranheza das realidades das crianças da Amazônia paraense (indígenas, quilombolas, ribeirinhos, assentadas etc.) e das situações de constrangimentos ao se envolverem com os hábitos culturais das crianças. Peres (2018), por exemplo, relata a dificuldade que enfrentou ao ser convidada pelas crianças marajoaras para tomar banho no rio, pois não sabia nadar e estava com muito medo de enfrentar a correnteza do rio. Em razão do distanciamento e compreensão cultural das crianças, os pesquisadores decidem permanecer mais tempo na comunidade para conhecer melhor aspectos da vida da criança. Essa estratégia contribuiu para que Andrade (2019), Peres (2018) e Moraes (2010) estabelecessem um clima de interação e confiança com as crianças.

O comportamento de empatia entre a criança e o pesquisador

Nas pesquisas desenvolvidas por Charone (2008), Souza (2009), Moraes (2010), Nascimento (2014), Nascimento (2015), Peres (2018) e Andrade (2019) foram fundamentais a construção de um envolvimento empático entre pesquisador e criança. Para Andrade (2019, p. 252), “[...] as crianças são ativas e receptivas, comunicam a vida intensamente, colocando suas capacidades em funcionamento, objetivando a participação na vida cotidiana com todos os aspectos”, ou seja, “as crianças são sujeitos presentes, dispostos e motivados”.

Os pesquisadores em questão mergulharam no cotidiano da comunidade desvendando a cultura, os saberes e as vivências das crianças. Descobrem momentos de silêncio, gritos, sons, cheiros, gestos, atitudes, memórias e muitos outros sinais que constituem o cotidiano das crianças da Amazônia paraense. Em algumas pesquisas as crianças, inclusive, assumiram a posição de entrevistadoras. Os pesquisadores buscaram formas diversas para criar um clima de empatia com as crianças. Eles foram percebendo a capacidade das crianças em fazerem perguntas e se envolverem visceralmente com a pesquisa. Elas mostraram criatividade nas perguntas e que muitas vezes não são pensadas pelos pesquisadores. No mais, os entrevistadores infantis revelam uma compreensão muito mais profunda da sua realidade do que se possa imaginar⁷.

Na imersão desse contexto de interação afetiva, os pesquisadores aos poucos vão descortinando o universo das crianças da Amazônia paraense. As relações afetivas e de simplicidade que se estabelecem entre o pesquisador e as crianças proporcionam um clima de diálogos produtivos e de respeito mútuo. A partilha, a negociação e o diálogo durante as rodas de conversas e as entrevistas são reveladores da capacidade de entrega das crianças. A criança ribeirinha da região amazônica tem esse perfil acolhedor e de simplicidade atrelado a um

7 Demartini (2002) lembra-nos da importância de aprendermos a ouvir as crianças, de escutar as suas vozes, do estabelecimento do diálogo com estes sujeitos, pois, cada vez mais escutamos por parte daqueles/as que convivem e trabalham com crianças sobre a incapacidade de entendê-las; fruto de um processo de distanciamento entre adultos e criança provocado pela modernidade.

comportamento fortemente arraigado de espontaneidade. Contudo, necessário da parte do pesquisador uma motivação para se envolver empaticamente com as crianças durante a observação dos fenômenos que queira registrar e analisar. Um exemplo dessa motivação é o caso da pesquisa de Silva (2017) com crianças do município de Traucateua sobre a festividade da Marujada, com a participar da pesquisadora e das crianças nas atividades realizadas pela comunidade, na organização e celebração da festividade de São Benedito e São Sebastião. Diz a autora sobre isso: “adentrei no universo da marujada participando das atividades realizadas no interior dela e pude compreender melhor a dimensão dessa festividade, isto é, compreender o significado dela para as crianças (SILVA, 2017, p. 59). Segundo Silva (2017), o envolvimento com a comunidade foi fundamental para compreender com detalhes a participação lúdica das crianças na festa da marujada.

Ao imergir no cotidiano das crianças ribeirinhas, quilombolas, indígenas e assentadas, o pesquisador consegue construir um *caleidoscópio* de culturas, saberes e práticas das suas ancestralidades, em que há relação com a natureza: “água”, “artefatos da floresta”, “rios”, “mata”, “animais”. No contexto dos trabalhos de pesquisas com crianças em comunidades ribeirinhas da Amazônia paraense, percebemos uma significativa presença cronotópica (espaço e tempo) da brincadeira, do trabalho e da disseminação dos saberes culturais. Ademais, há a presença da mitopoética do espaço do brincar nos rios (águas) e na floresta (terra). Há ainda a mitopoética dos seres encantados nos espaços das narrativas orais das crianças como: boto, matinta pereira, cobra grande, curupira, entre outros seres sobrenaturais da floresta e das águas que fazem parte do imaginário popular.

É inevitável um espaço tão mítico como o da floresta amazônica não servir de cenário para o imaginário das crianças. Obviamente, que em um cenário onde a natureza é exuberante, há grandes possibilidades para estimular a criatividade e a fantasia das crianças, pois a imaginação faz parte das suas realidades. No território amazônico, elas são convidadas a expressar todo o seu simbolismo no ato de brincar e na construção de brinquedos construídos a partir de artefatos da natureza como folhas, frutos, sementes, galhos, cipós, bichos, penas etc.

Embora com algumas singularidades próprias, os pesquisadores evidenciam em suas pesquisas que são nos espaços dos rios e igarapés que as crianças retratam mais intensamente seu cotidiano. Na região da Amazônia paraense, desde muito cedo as crianças convivem com as águas. Elas mergulham ainda muito pequenos nos rios, furos e igarapés, uma vez que são nesses espaços que suas mentalidades se arquetam e suas relações de brincadeira e do convívio diário acontecem. São nesses espaços que as crianças se constituem culturalmente, pois aprendem a conviver com adversidade dos rios e a conhecer o “tempo das marés”, o “tempo das chuvas”, o “tempo da pesca”, o “tempo do trabalho na roça”, o “tempo da brincadeira” e o “tempo dos saberes” disseminados coletivamente. As crianças brincam e compartilham culturas e identidades entrelaçadas por uma teia de significados que dão sentidos aos processos de criar, imaginar, sonhar e devanear. Portanto, há uma pluralidade de infâncias constituídas na Amazônia paraense que são desvendadas pelos pesquisadores: a infância ribeirinha, a infância quilombola, a infância indígena, a infância dos sem terra, a infância das rodovias, a infância das fazendas, as infâncias dos garimpos, infâncias de barragens, entre outras. Nesses diversos contextos, os pesquisadores além de investigarem o cotidiano, saberes e culturas infantis destacam também as relações interpessoais e emocionais das crianças. Enfim, suas realidades diferentes, no que tange as diferenças territoriais.

O contexto e procedimento da entrevista

Temos defendido é em vez de pesquisar *a criança*, com o a intenção de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar *com a criança* as experiências sociais, culturais e educacionais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente cultural. Mas, como efetivamente podemos trabalhar ética e metodologicamente a entrevista com as crianças? É possível usarmos entrevistas? Quais estratégias o pesquisador deve usar para promover o envolvimento da criança na pesquisa? Como o pesquisador deve se comportar diante da criança na entrevista? É adequado utilizar e entrevista coletiva? Essas perguntas são recorrentes entre

os pesquisadores da Amazônia que trazem a criança como sujeito protagonista da pesquisa.

Para responder a essas questões, abordaremos a seguir algumas considerações e sugestões metodológicas em torno do protocolo de entrevista com criança. Esses tópicos deverão ser cuidadosamente observados quando da realização da entrevista com as crianças. Os pesquisadores estrangeiros de país desenvolvidos destacam que um dos elementos importantes ao descrever como as crianças podem se envolver nas pesquisas é a participação delas e o planejamento da entrevista. Uma das preocupações mais recorrentes a que tem chegado os investigadores acerca da entrevista é a de que esta deverá decorrer em *domínio da criança*. Para os pesquisadores o testemunho das crianças nas entrevistas está geralmente ancorado em determinadas concepções preconceituosas, como: (a) as crianças são demasiadamente imaturas; (b) elas são incapazes de pensar e (c) não sabem utilizar a linguagem necessária para se expressar na entrevista.

As pesquisas com crianças e suas culturas indicam que é preciso nas entrevistas dar voz às crianças, conhecer quem são, como vivem, como é seu grupo de interação, quais suas preferências e o que elas pensam a respeito de si mesmas, das relações com seus pares e com os adultos, ou seja, como elas pensam acerca do mundo em que vivem. Nesse movimento entrelaçam-se histórias, narrativas, interpretações, sentidos, ações sobre a criança. Dar voz e visibilidade a elas durante a entrevista é sem dúvida nenhuma uma maneira de romper com o silenciamento que parte dessas populações vivem no contexto da Amazônia. Somente quem é da região norte tem de fato uma dimensão da opressão, do descaso, da solidão e, sobretudo da exclusão que parte destas comunidades, vilas e lugarejos nos confins da Amazônia se encontram. Todavia, fazer pesquisas nestas comunidades requer do pesquisador não somente envolvimento com seu objeto de estudo, mas, certamente ter preparo para realizar a entrevista com as crianças. A entrevista com criança é um procedimento que poderá favorecer a recolha de dados, porém exige do entrevistador (pesquisador) equacionar algumas variáveis antes da entrevista, principalmente se os seus objetivos de investigação estejam relacionados diretamente com as seguintes variáveis: (a) faixa-etária; (b) gênero (meninos x meninas); (c) recursos utilizados para expressão das crianças; (d) tempo de envolver as crianças na pesquisa; (e) linguagem adequada à criança; (f) nível de escolaridade; (g) conhecer a cultura da criança e (h) evitar o estresse e sofrimento nas crianças durante a entrevista.

Para alguns pesquisadores da Amazônia paraense a utilização da entrevista direta com crianças revela-se “inadequada”, porque em geral estabelecem um constrangimento, inibição e estresse, especialmente em crianças muito pequenas. A construção de estratégias comunicativas entre o entrevistador e a criança depende significativamente do modo com o pesquisador aborda a criança. A entrevista em pares ou pequenos grupos poderá diminuir esta inibição e promover um clima de troca dialógica. Em muitas pesquisas de cunho etnográfico com crianças, o pesquisador inclui antes ou durante a entrevista estratégias de coleta de dados para facilitar a interação dialógica com a criança e o armazenamento de dados como: gravações audiovisuais de atividades lúdicas, fotografias das atividades, jogos de faz-de-conta, desenhos, contações de histórias, jogos de regras, banho e brincadeira nos rios e igarapés.

Defendemos que as pesquisas com crianças podem ser desenvolvidas com a utilização de vários recursos metodológicos adequados escolhidos pelo pesquisador. As crianças por serem ativas, curiosas, criativas precisam no momento de entrevista serem motivadas para vivenciar as suas experiências, assim, os recursos servem não somente como instrumentos de coleta de dados, mas fundamentalmente como estratégias de interação do pesquisador-entrevistador com a criança. Para promover uma entrevista mais dinâmica e interacional o pesquisador poderá lançar mão dos seguintes recursos: brinquedos e fantoches, desenhos, pinturas, fotografias, contação de história (contada, lida, recriada, dramatizada etc), vídeo, literatura infantil etc. Nas pesquisas realizadas pelos estudiosos da Amazônia paraense, é bastante presente a entrevista, comumente, atrelada a outras técnicas na coleta de dados, como a observação participante, o diário de campo, a narrativa etc.

A escolha da entrevista como instrumento de coleta de dados com crianças é um procedimento metodológico complexo e poderá exigir do pesquisador muito cuidado no passo a passo da entrevista no que se refere ao planejamento e execução da entrevista. A garantia de

dados fidedignos estará sobremaneira atrelada à habilidade do pesquisador em se preparar para entrevistar com a criança. Com base nessa complexidade que é a entrevista, destacamos algumas orientações que o pesquisador deverá ter: (1) Elaborar um planejamento, execução e organização da pesquisa; (2) Realizar uma entrevista piloto para equacionar algumas variáveis antes da entrevista com as crianças; (3) Entrevista direta revela-se inadequada para crianças pequenas; (4) Entrevista coletiva favorece a interação entre entrevistador e a criança e de outros sujeitos; (5) Verificar as questões colocadas as crianças medem efetivamente o que se quer da criança; (6) Evitar perguntas ambíguas e linguagens que não fazem parte do repertório da criança; (7) Observar se as perguntas são pertinentes e de acordo com a experiência da criança entrevistada; (8) Estabelecer o espaço e tempo da entrevista de maneira a não causar cansaço na criança; (9) Estabelecer sessões de entrevistas para evitar exaurir a criança; (10) Ter cuidado com a complexidade da entrevista principalmente em ambiente privado da criança.

A entrevista coletiva (grupal) é considerada a mais adequada com crianças em comunidades na Amazônia paraense por dois motivos: o primeiro, por considerarmos que através da entrevista coletiva as crianças geralmente ficam mais a vontade e sentem-se mais confortável diante do entrevistador, uma vez que por estarem em maior número dialogam com mais naturalidade, contribuindo assim para diluir a autoridade do entrevistador que por vezes intimidam as crianças; o segundo por propiciar uma maior participação delas no diálogo coletivo com o pesquisador e com seus pares de forma mais natural e espontânea, no sentido de darem vazão a sua criatividade, expressividade, cotidiano, cultura e saberes.

Outro aspecto que consideramos relevante diz respeito à adequação das temáticas e medidas utilizadas na entrevista. Assim, o entrevistador deverá verificar se as questões a colocar à criança medem, de fato, o conceito/variável que se pretende medir. Além disso, deverá o pesquisador ainda verificar se as perguntas não são ambíguas e se certificar de que a criança as interpretarão de acordo com aquilo que é por ele pretendido. Todavia, as questões apresentadas à criança deverão ser pertinentes e de acordo com a experiência social e emocional da criança, assim como familiar e cultural. Com relação à entrevista no âmbito familiar precisa ser bem planejada, pois consome mais tempo e é dispendioso para pesquisador em razão das possíveis interferências no contexto privado da criança.

As crianças apreciam serem entrevistadas em ambiente familiar, uma vez que são consideradas elementos da família com um contributo válido. Chamamos atenção para o risco que poderá correr ao entrevistador a criança ser influenciada pelos pais, irmãos e outros parentes. É importante também chamar atenção para a entrevista em ambiente escolar, pois é um procedimento muitas vezes difícil de fazê-lo. Em geral a presença do entrevistador no contexto da vida privada (familiar e escolar) deverá ser negociada, pois existem convenções e negociações que são estabelecidas nestes ambientes que às vezes prejudicam a recolha de dados: de um lado, o pesquisador (entrevistador) constitui um convidado da criança, o que poderá sentir obrigado a aceitar as condições que os pais ou responsáveis lhe oferecem; de outro lado, o pesquisador (entrevistador) é um convidado da criança, devendo também ter como respaldo aquilo que a criança considera adequado. Neste sentido, o pesquisador deverá ter especial cuidado quando optar por realizar entrevistas em espaços fechados para não recolher dados que não sejam reais.

A habilidade do pesquisador no uso da entrevista

Nas entrevistas com crianças, os pesquisadores recorrentemente cometem erros cruciais quando as entrevistam. O primeiro erro é de assumirem que as crianças são do ponto de vista do desenvolvimento humano, demasiadamente imaturas e incapazes de dar seu testemunho. Eles acreditam que elas são incapazes de pensar conceitualmente e que não sabem utilizar a linguagem necessária para expressarem suas ideias. Em muitos casos, os pesquisadores restringem suas entrevistas a meros interrogatórios, perdendo a oportunidade de estabelecer uma entrevista dialogada e interativa com a criança.

A habilidade do entrevistador é fundamental para promover um maior envolvimento da criança na entrevista e assim assegurar a confidencialidade dos dados. “Estabelecer a priori

determinadas linhas de orientação perante a criança também favorece enormemente a sua capacidade de resposta e aumentar o seu envolvimento no contexto da entrevista” (OLIVEIRA-FORMOSINHO & ARAÚJO, 2008, p.23). Desse modo, podemos então indicar alguns cuidados por parte dos pesquisadores-entrevistadores durante as entrevistas com as crianças da Amazônia paraense: (1) Evitar entrevistas não estruturadas, longas e preconceituosas; (2) Deixar a entrevista fluir por meio de um diálogo; (3) Evitar durante a entrevista perguntas ambíguas e incompreensíveis; (4) Evitar entrevista como meros interrogatórios; (5) Evitar estratégias equivocadas que podem provocar desconforto, desinteresse e aborrecimento da criança pela entrevista; (6) Evitar demonstrar um total desrespeito pelo conhecimento que a criança tem do seu mundo; (7) Evitar respostas monossílabas, lacônicas ou muito curtas da criança; (8) Evitar a presença de outras pessoas durante a entrevista, assim como os cuidados com o ambiente (luminosidade, barulho, trânsito de pessoas, etc.); (9) Evitar questionamentos diretos com a criança, o que poderá causar certo desconforto na criança; (10) Procurar ter o consentimento da própria criança; (11) Utilizar várias sessões de entrevistas para evitar estresse, cansaço e desinteresse da criança; (12) Dar por terminada qualquer sessão de entrevista que cause visivelmente algum desconforto na criança; (13) Evitar impor estratégias em que há certa resistência por parte das crianças; (14) Procurar interagir e criar um clima de empatia com a criança e, por fim, (15) Evitar julgar as respostas da criança com gestos, falas ou atitudes que causem nelas o sentimento de reprovação.

As estratégias equivocadas provocam nas crianças um desinteresse e aborrecimento pela entrevista. Assumindo essa postura, os pesquisadores demonstram um total desrespeito pelo conhecimento que as crianças têm acerca do seu mundo. Weber (2015) ao investigar a cultura do brincar e da brincadeira das crianças indígenas da comunidade Assuriní do Trocará, as margens do Rio Tocantins no Pará, destaca que nas rodas de conversa embora as crianças demonstrassem, inicialmente, certa timidez, ao se envolverem com a pesquisa, imediatamente se mostraram interessadas e, sobretudo eufóricas com as atividades e participação nas etapas da pesquisa.

Os protocolos éticos na entrevista

Um dos principais desafios das pesquisas com crianças na Amazônia é o desafio Ético. No contexto de entrevistas com crianças, muitos profissionais reforçam a ideia de que as crianças que se encontram envolvidas na investigação têm o direito de serem tratadas de forma ética e moralmente aceitável. Geralmente, há por parte do pesquisador alguns comportamentos e concepções preconceituosas que acabam afetando a forma como a investigação será conduzida e, em consequência, a forma como as crianças serão tratadas no contexto da investigação.

As questões éticas são particularmente relevantes no caso de entrevistas, uma vez que expõe a criança. Sabemos que as normas de pesquisa com crianças sofreram significativos controle de comitês de ética que exigem protocolos, como por exemplo, documento de consentimento que vai garantir a aprovação dos responsáveis legais. No mais, “[...] é necessário um consentimento ativo, segundo o qual cada criança deve ter um formulário de consentimento assinado para participar da pesquisa” (CORSARO, 2011, 70). É preciso que o pai, a mãe ou o responsável de cada criança deva assinar um formulário de livre consentimento, que deve detalhar o objetivo da pesquisa, o plano de investigação e fornecimento de informações de interesse do pesquisador. Achamos importante destacar o tempo da pesquisa e os procedimentos de devolutiva dos resultados.

Uma outra preocupação não menos importante é a de proteger emocionalmente a criança durante a pesquisa. Entendemos que pelos protocolos sistematicamente desenvolvidos pelos pesquisadores nacionais e internacionais, caso não ocorra o consentimento da criança, ela deverá ser automaticamente excluída da coleta de dados. Contudo, temos percebido que são raros os pesquisadores, conforme os estudos desenvolvidos na Amazônia paraense, que relataram o desinteresse das crianças com relação a sua participação. Pelo contrário, elas se mostram muito motivadas e interessadas em fazerem parte da pesquisa e dificilmente se negam a participar das atividades da pesquisa.

Quanto ao anonimato das crianças na pesquisa, sabemos da necessidade que é garantida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil. Concordamos com Dermatini (2002), Cruz (2008) e Quinteiro (2002), quando apontam que precisamos estabelecer os seguintes direitos à criança: privacidade, consentimento, confidencialidade e recusa. Entretanto, alguns pesquisadores da Amazônia paraense como Andrade (2019), Peres (2018), Weber (2015) e Moraes (2010) não seguiram os protocolos de anonimato das crianças por duas razões: a primeira se deu pela necessidade das crianças e das suas respectivas comunidades em saírem do silenciamento e da invisibilidade que se encontram; a segunda razão pela oportunidade das crianças de se sentirem valorizadas como partícipes da pesquisa. Andrade (2019) revela que ao voltar a comunidade para estabelecer a devolutiva dos resultados da pesquisa com os sujeitos-crianças marajoaras na Vila de Piriá, no Marajó, ao identificarem seus nomes no trabalho se sentiram protagonistas da pesquisa e valorizados com seus depoimentos e comportamentos registrados em diálogos, narrativas e fotos.

Outro desafio que se impõe aos pesquisadores refere-se ao uso de imagem da criança em formato de vídeo ou fotografia. Sabemos que é necessária a assinatura do termo de consentimento pelos responsáveis para expor as fotografias das crianças na pesquisa. Recomenda-se, conforme o ECA, a desedificação da criança, sobretudo, quando a sua imagem é exposta por meio de fotografia e vídeo. Além disso, é necessária a autorização da filmagem pelo responsável. Apontamos alguns cuidados éticos que o pesquisador deverá ter para assegurar a confidencialidade e fidedignidade dos dados, e, principalmente, não causar nenhum dano à criança: (1) Evitar o temor, ansiedade na criança diante do gravador; (2) Dar ênfase à confidencialidade e ao segredo da entrevista; (3) Evitar expor sua opinião durante a entrevista com a criança; (4) Evitar fazer perguntas que levem a criança a pensar do modo que você pensa; (5) Criar um clima de respeito, confiança e confiabilidade (relação empática); (6) Evitar determinados comportamentos verbais e não-verbais durante a entrevista como: balançando a cabeça, sorrindo, erguendo as sobrancelhas, olhar de desaprovação, olhar para o relógio etc; (7) Evitar questionamentos diretos, o que poderá causar certo desconforto a criança; (8) Procurar ter o consentimento da própria criança; (9) Utilizar sessões de entrevistas com um roteiro planejado para evitar cansaço e estresse da criança; (10) Dar por terminada qualquer sessão que cause visivelmente algum desconforto cognitivo e emocional na criança; (11) Evitar pedir desculpas recorrentemente para criança; (12) Aproveitar todos os recursos apresentados pela criança durante a entrevista como: brinquedos, fotografias, desenhos, escritos etc.

Um dos aspectos mais delicados que tem preocupado grande parte dos pesquisadores é a devolutiva da pesquisa. Entendemos que seja necessário e importante para as crianças partícipes da pesquisa ter contado com o resultado do estudo. A maioria faz a devolutiva após o término da pesquisa de campo. No entanto, há pesquisadores que preferem dar a devolutiva ao longo da pesquisa de campo, sobretudo, quando ele toma algumas decisões e precisa da opinião das crianças partícipes da pesquisa. Ao tomar essa postura, o pesquisador concebe a criança como ator social, com voz ativa e como sujeito participativo na pesquisa. Temos defendido a importância da devolutiva para as crianças como uma forma não somente de respeito e valorização à criança, mas fundamentalmente de crescimento e autonomia dela como sujeito partícipe do estudo.

A cultura material da infância

Grande parte das pesquisas realizadas com crianças na Amazônia paraense está relacionada com a cultura material infantil. As crianças utilizam de objetos e artefatos da natureza para realização das suas atividades lúdicas. A cultura material das crianças se concentra em: (1) confecções de brinquedos para realização de brincadeiras típicas das crianças da região amazônica; (2) acervo linguístico; (3) narrativas da memória oral da região e (4) imaginário mítico de personagens.

Na pesquisa etnográfica com 25 crianças ribeirinhas da Amazônia marajoara, Andrade (2019) destaca uma cartografia das brincadeiras que estão atreladas ao ambiente cultural infantil, como tomar banho no rio, andar de canoa, pescar, correr na chuva, trepar nas árvores,

remar, subir no açazeiro, colocar matapi, etc. A autora apresenta, ainda, um acervo da cultura material da linguagem e expressão corporal da infância do Marajó, que se manifestam durante as brincadeiras. Dentre as expressões linguísticas mais recorrentes são: agorinha, a gente, bora logo, das bandas de lá, de mal a morte, embuchada ou preinha, é-gu-a, égua, levou uma mijada, mano, mana, matapi, tô na bronca, não-que-não, não te falei, pai-de-égua, parente, pitú, pixé, porrudão, quero ver minha mãe mortinha, te enxerga, té doidé, tô até o talo, tô mordido, tua cara nem treme, tu já vem né mano!, tuíra.

No cotidiano de 23 crianças de um assentamento Martires de Abril do Movimento dos Sem Terra (MST), no Pará, Moraes (2010), ao investigar a cultura material infantil, destaca o envolvimento das crianças “sem terrinhas” – como se auto denominam – com o meio ambiente dos assentados, internalizando o discurso ideológico dos movimentos dos sem terra. Os bosques, matas e as ruas são os espaços em que acontecem trocas de saberes e criam seus imaginários entrecruzados com os artefatos da terra. Além disso, a cultura material infantil encontra-se no acervo da memória oral da região do assentamento, com histórias, personagens e enredos de visagens e assombrações. Há na cultura material infantil a personificação da matinta-pereira, bicho-papão, cobra grande, bem como de seres animais que se materializam em personagens que encantam e causam medo às pessoas. Assim como as crianças ribeirinhas, as crianças de comunidades assentadas utilizam também os rios para desenvolver suas culturas infantis. Moraes (2010) apresenta, ainda, o acervo da cultura material das brincadeiras infantis como: bicão, chuta-litro, pé-na-lata, pira-garração, pira-café-com-leite etc. Para a autora na brincadeira é que a criança “sem terrinha” expressa o seu modo de pensar a sua realidade e a sua linguagem simbólica e cultural.

Na pesquisa de Weber (2015), a criança Assuriní é um ser ativo dentro do seu espaço sociocultural e que suas particularidades estão vinculadas a sua relação social com o grupo étnico. Suas atividades lúdicas estão diretamente articuladas com o arco, a flecha, o anzol, os mergulhos, os pássaros que cantam e com os macacos que gritam com seus berros estridentes. Elas brincam nas entranhas da floresta e veem a vida florescendo todo dia da comunidade de forma lúdica. Nesse florescer sociocultural, as crianças significam e ressignificam o seu saber e a crença Assuriní.

Silva (2017) ao mergulhar no universo cultural das crianças no município de Traucateua sobre a festa da marujada em comemoração ao São Benedito e São Sebastião observou que elas participam de forma expressiva de todas as etapas da cerimônia como rituais de danças, as rezas e a derrubação do mastro. Segunda a autora, para participar do ritual de dança, das promessas, orações, das ladainhas e das ofertas dos mastros aos santos, as crianças usam uma indumentária semelhante aos marujos (capitão) e marujas (capitosa). Além da vestimenta tradicional, elas utilizam ainda adereço na cabeça para participar de todo ritual.

A ruptura que os pesquisadores propõem nos faz refletir o quanto as culturas infantis na Amazônia paraense foram negligenciadas, ignoradas, negadas, excluídas dos estudos, das pesquisas e dos processos de participação social da criança. Pesquisar as infâncias e sua cultura material em vários contextos da Amazônia por meio das falas das crianças possibilita trazer grandes contribuições para a Sociologia da Infância e para o conhecimento das diversas infâncias na Amazônia paraense que ainda é um território desconhecido no Brasil.

Considerações Finais

As pesquisas com criança e suas infâncias na Amazônia paraense necessitam do pesquisador um itinerário muito bem planejado. Investigar a cultura material infantil em comunidades na imensidão da região amazônica pressupõe cruzar tempestades e calmarias, mudanças de rotas, disponibilidade de tempo e principalmente conhecimento do contexto de campo. É preciso, ainda, que o pesquisador tenha competência para administrar o protagonismo das crianças que se sentem livres para expressarem suas opiniões. Sabemos que não basta dar apenas voz a criança, é necessário respeito e conhecimento para lidar com suas especificidades e seu repertório verbal. Investigar a criança em contextos diversos da Amazônia paraense requer do pesquisador habilidades para elaboração de uma entrevista e ainda interpretação

da *fala* da criança. Portanto, ver, ouvir, registrar e interpretar são elementos importantes para compreender a criança no seu mundo cultural e o lugar que essa criança ocupa socialmente na comunidade investigada.

Do ponto de vista dos protocolos metodológicos e éticos, os pesquisadores da Amazônia paraense, com base nos estudos aqui abordados, já superaram o paradigma reducionista de compreender a criança como sujeitos imaturos e incapazes de se expressarem durante a entrevista. As pesquisas têm superado significativamente a ideia preconceituosa com relação à capacidade da criança em dar seu testemunho. É lógico que temos ainda muito a aprender dos testemunhos infantis, mas já é possível verificar entre os pesquisadores uma necessidade de tirar a criança da amazônica da condição de silêncio e de excluídos da sociedade, posição que se instituiu desde o período da colonização no Pará. Acreditamos que esse é um dos mais importantes compromissos éticos dos pesquisadores.

É com base nessas preocupações que se constitui a qualidade e compromisso dos pesquisadores com a criança da Amazônia paraense. Corroboramos com a ideia de que embora se reconheça que houve um esforço por parte de todos nós pesquisadores na produção do conhecimento sobre infância, há ainda muito a ser repensado e estruturado na pesquisa com crianças. Precisamos adotar uma concepção mais ampla sobre a criança da nossa região. Além disso, é necessária uma flexibilidade nos protocolos metodológicos e éticos no desenvolvimento das pesquisas em razão das especificidades e diversidades dos povos da Amazônia. É fundamental um conhecimento de questões micro e macroestruturais das populações infantis para que o pesquisador não caia numa visão reducionista e muito menos romantizada da criança. Portanto, o grande desafio dos pesquisadores da Amazônia paraense é de dar visibilidade e protagonismo as populações infantis.

A ideia de que a infância é uma metáfora da inferioridade vem sendo superada pelos pesquisadores, quando esses dão voz às crianças ribeirinhas, quilombolas, assentadas, etc. As crianças da Amazônia paraense são disponíveis, motivadas e querem ser estimuladas ao diálogo sobre suas experiências cotidianas. As crianças refletem sobre seus desejos, anseios, saberes e culturas. Enfim, a criança da Amazônia paraense pode ser apresentada de forma multifacetada, de problematizar, lidar com as diferenças, ser reflexiva, criativa, autônoma, livre, flexiva e, sobretudo, independente.

Referências

ANDRADE, S. S. **A Infância da Amazônia Marajoara: práticas culturais no cotidiano das crianças ribeirinhas**. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 75-252.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**; tradução Lia Gabrielle Regius Reis; revisão técnica: Maria Leticia B. P. Nascimento. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 59-63-70.

CHARONE, T. S. P. **Significados e sentidos dos discursos de um grupo de crianças da 3ª Série do ensino fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência**. 2008, 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2008.

CRUZ, S. H. V. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Editora Cortez. 2008.

DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). **Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas, Editora Autores Associados. 2002.

FARIAS, A. L. G.; FINCO, D. (orgs.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: São Paulo: Autores associados. 2011, p. 25.

FERNANDES, F. *As Trocinhas do Bom Retiro: contribuição ao estudo folclórico e sociológico dos*

grupos infantis. In: FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979.

FERNANDES, N. P. **Prática de Letramento e Educação nas vozes de crianças: ler e escrever entre os sentidos e os bens culturais na Ilha de Caratateua no Pará**. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará. Belém do Pará, 2018.

MARTINS, J. S.. **Massacre dos Inocentes: a criança sem infância no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

MORAIS, E. M. **A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2008.

NASCIMENTO, D. S.. **Tempos e espaços do brincar no contexto da educação infantil: a voz da criança**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará, Belém do Pará, 2015.

NASCIMENTO, S. S. **Saberes, brinquedos e brincadeiras: vivências lúdicas de crianças de comunidades quilombolas Campo Verde – Pará**. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará, Belém do Pará, 2014.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (org.). **A Escola vista pelas crianças**. Coleção infância. Portugal: Editora do Porto. 2008, p. 23.

PEREIRA, R. M. R.; MACEDO, N. M. R. (orgs.). **Infâncias em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.
PERES, E. S. **Crianças quilombolas marajoaras: saberes e vivências lúdicas**. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém do Pará, 2018.

QUINTEIRO, J.. **Infância e Educação no Brasil: um campo de estudo em construção**. In: Faria, Ana Lúcia; Demartini, Patrícia Dias Prado (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: São Paulo: Autores Associados. 2002.

REIS, M.; GOMES, L. O.. **Infância: sociologia e sociedade**. São Paulo: Edições Levana / Attar Editora, 2015, p. 179.

SARMENTO, M.; PINTO, M. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: Pinto, Manuel & Sarmento, Manuel J. (orgs.) **As crianças: contextos e identidades**. Portugal, Centro de Estudos da Criança, Bezerra. 1997.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (orgs.,.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008, p. 23-24.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da infância**. In: Educação e Sociedade. v.26, n. 91. Campinas: SP, May/Aug, 2005, p. 363.

SILVA, D. O. S. **Crianças que dançam, crianças que louvam: saberes e processos educativos, presentes na Marujada de Traquateua-Pará**. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Belém do Pará, 2017, p. 59.

SOUZA, A. P. V. **As Culturas Infantis no espaço e tempo do recreio: construindo singularidades sobre a criança**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2009.

WEBER, S. **Crianças indígenas da Amazônia: brinquedos, brincadeiras e seus significados na comunidade Assuriní do Trocará – Pará.** 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará. Belém do Pará, 2015. P. 108-109.

Recebido em 11 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.